

O *BLENDING* COMO CATEGORIA DE LINGUAGEM: UM ESTUDO PELO VIÉS DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

*Elza Moreira Alves*¹
*Marcos Luiz Cumprí*²

Resumo

Este estudo toma espaço no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso e apresenta uma discussão acerca do *Blending* pelo viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). O objetivo geral é o de compreender este fenômeno no cenário da Semântica Geral e das Correntes Enunciativistas. Os objetivos específicos são: construir um sistema metalinguístico que explique a instabilidade do *Blending* para a semântica geral e a estabilidade que ele conquista pela TOPE; descobrir no enunciado o problema das relações intersubjetivas e o problema fundamental da dissimetria entre produção e reconhecimento linguístico. A metodologia está na observação e na manipulação controladas (construção de glosas) de enunciados para que se possa entender o *Blending* pela dinâmica posta por duas articulações basais para a enunciação: língua e linguagem e léxico e gramática. O *corpus* será constituído de enunciados da base “Centro de Estudos Lexicográficos” da FCLAr/Unesp. O resultado será mostrado na tese em construção.

Palavras-chave: Significação; *Blending*; Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UNEMAT). Professora do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *campus* de Vilhena/RO.

² Professor Doutor - Programa de Pós-Graduação em Linguística (UNEMAT), *campus* Cáceres/MT.

BLENDING AS A LANGUAGE CATEGORY: A STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF THE THEORY OF PREDICATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS

Abstract

This study takes place in the *Stricto Sensu* Postgraduate Linguistics Program of Mato Grosso State University and presents a discussion about Blending through the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). The general objective is to understand this phenomenon in the context of General Semantics and Enunciative Currents. The specific objectives are: to build a metalinguistic system that explains the instability of Blending for General Semantics and the stability it acquires for TOPE; to discover in the utterance the problem of intersubjective relations and the fundamental problem of dissymmetry between linguistic production and recognition. The methodology is the observation and controlled manipulation (construction of glosses) of utterances in order to understand the Blending by the dynamics posed by two basic articulations for enunciation: speech and language, lexicon and grammar. The *corpus* will consist of utterances from the "Lexicographic Studies Centre" of FCLAr/Unesp. The results will be shown in the thesis which is in its writing phase.

Keywords: Meaning; Blending; Predicative and Enunciative Operations Theory.

1.Introdução: uma palavra sobre a TOPE

A linguística, de maneira geral, é a ciência que desbrava as línguas e a linguagem; e o programa de trabalho do linguista francês Antoine Culioli (1924-2018) tomou seu lugar nesse universo quando elaborou o que hoje se conhece, no Brasil, por Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Essa vertente teórica preconiza que a atividade de linguagem se manifesta na diversidade das línguas e remete a uma produção de reconhecimento de formas as quais não podem ser investigadas, estudadas independente das línguas.

Culioli (1990) impôs a necessidade de uma teoria da linguagem que articulasse a linguagem com outros domínios nos quais se inscrevem naturalmente. Na TOPE os sentidos das unidades lexicais se constroem no enunciado e o sujeito está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dado linguístico que, segundo Rezende (2000), é o estabelecimento de unidades de trabalho e de seu sistema de organização. Um dado linguístico, que é clivado entre língua e linguagem, não surge de uma observação simplória. Todo dado é resultado de um ponto de vista pautado em uma perspectiva teórica em que ele (o dado linguístico) é relativo e muda segundo a teoria que tomamos por referência.

No tocante à análise linguística, os enunciados assumem o estado de corpus pela observação e manipulação. Manipular um enunciado é realizar uma atividade metalinguística, que é consciente e controlada, à procura das operações de linguagem predicativas e enunciativas. Atividade metalinguística é aquela em que o linguista conhece regras formais de um modelo teórico que lhe permitem provocar a equivalência entre um enunciado e outro.

A TOPE possibilita, de acordo com Lima (2010), propor uma pesquisa sobre gramática por um viés enunciativista e nos remeter à possibilidade de trabalhá-la no campo de uma articulação entre linguagem e língua, cujo início se dá pela reflexão linguística sobre o funcionamento da língua em situações concretas de uso.

Conforme afirma Vogue (1992 *apud* GOURNAY, 2016) a TOPE não se interessa pelo enunciado como lugar de intersubjetividade ou de posicionamento, mas pelo processo de construção do enunciado. O enunciador é a referência abstrata situada na base de todas as determinações de um enunciado. Este enunciador é recuperável pela análise do enunciado e não mantém relação direta com um locutor.

De acordo com Lima (2010) a linguagem, na teoria culioliana, é uma atividade de construção de significação que se realiza através de operações que resultam na produção de enunciados em uma língua dada. Essa atividade faz parte de um ato de enunciação em que sujeitos enunciadorez produzem enunciados em uma situação única de enunciação. Assim, numa análise linguística, linguagem e língua não podem constituir domínios estanques, é preciso que esses domínios se articulem.

2. O fenômeno *blending* na perspectiva culioliana

De modo geral, neste estudo estamos buscando justificar a existência do *blending*, fenômeno em que a ideia de plural se preserva ainda que a unidade linguística esteja no singular. Assim, o sujeito enunciador “empacota”, semanticamente, numa única representação, o que seriam mais de uma representação morfossintática.

A TOPE tem como característica conceber a linguagem como atividade de construção de significação. Diante disso, surgem as seguintes premissas: (1) as línguas, por serem sistemas dinâmicos, se analisam por qualquer tipo de enunciado, com o alicerce de determinados conceitos que fundamentam uma estabilidade teórica ancorada em ajustes linguísticos. (2) a produção linguística é também o resultado de um trabalho de montagem e desmontagem dos textos, marcas e valores, que em seguida, têm seus significados construídos e reconstruídos por meio das atividades linguísticas, entre elas, categorias gramaticais de modo e de aspecto. (3) a articulação entre o sintático e semântico permite a descrição da atividade linguística apreendida através das línguas e firma, a partir de problemas linguísticos, a dialética entre a linguagem e as línguas naturais de um modo em que a linguagem seja uma atividade de representação, por assim dizer, indeterminada e abstrata; e as línguas naturais sejam fruto dessa atividade, por assim dizer, variáveis.

Vejamos os enunciados a seguir:

- 1) “Preciso comprar um chinelo”
- 2) “Vou fazer o pé no final de semana”.
- 3) “A cada mês que passa, esta conta de luz fica mais cara”.

Nesses três enunciados é evidente que o sujeito enunciador vai comprar, no enunciado 1, dois chinelos, não um; vai fazer os dois pés, no enunciado 2, e não um pé apenas; e, no enunciado 3, é claro que se trata de várias contas de diversos meses que são “comprimidas” ou “empacotadas” em uma só conta.

O *blending* pode ser realizado com conceitos como na frase: O homem é mortal, assim tem-se o agrupamento de todos os seres humanos e não nos reportamos a um homem singular.

Seria este um fenômeno de categoria de língua ou de linguagem? Se considerarmos o *blending*, sustentados pelos pressupostos da TOPE, um fenômeno de linguagem, que operações de linguagem estão imbricadas nele? É possível que uma enunciação possa conter vários atos enunciativos imbricados, quer dizer, várias predicções, embora haja sempre uma única asserção, que corresponde ao ato enunciativo principal. Para encontrar tais atos enunciativos é necessário decompor a história constitutiva de um enunciado, dessa maneira é que se recuperam esses atos enunciativos constituidores do enunciado. Vemos que o sujeito está fundamentalmente inscrito tanto no objeto de estudo quanto no tipo de dados linguísticos aos quais se prende a teoria de Culioli (FUCHS, 1984, p.78).

Partimos da hipótese de que o plural/*blending* não é uma categoria morfossintática nas línguas naturais, mas uma categoria de linguagem, o que coloca, por exemplo, em rediscussão a concordância verbal em redações de alunos. Conforme afirma Rezende (2003) é por meio da relação sujeito, linguagem e mundo que se constroem as categorias. Isso fica ancorado nas marcas da língua. É preciso mostrar o modo pelo qual os enunciados evidenciam esse processo.

Em relação aos enunciados 1, 2 e 3, percebe-se que o sujeito enunciador tem em sua mente a ideia de plural, pois analisando o enunciado 1, teríamos: “Vou fazer as unhas dos pés”, porque “vou fazer os pés”. Segundo Cumpri (2012, p.33) “é necessário reconhecer os enunciados possíveis, mesmo porque a linguística formal não se finca somente na tarefa de estudar as línguas em suas generalidades, mas de prestar contas do que se descobre em sua diversidade, sem exceção”.

O *blending* ou teoria da integração conceitual, segundo Oliveira (2014), é estabelecido a partir de uma série de textos importantes (TURNER, 1996; FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 1998, 2002; TURNER; FAUCONNIER, 1995) na área da linguística cognitiva. Nessa perspectiva, assume-se que

[...] as representações linguísticas indicam que as pessoas formam conceitos através de uma integração constante de informações provenientes de domínios diferentes de conhecimento e experiências. É como se a combinação de elementos velhos conduzisse à criação de elementos novos. E isso o que fazemos na nossa maneira de pensar corriqueira. Assim, dois, ou mais, espaços de entrada (*input spaces*), cada um deles entendido como uma rede de elementos, significativos, unidos por relações internas, irão fornecer, com base nas semelhanças entre eles, elementos para a construção de um espaço mais abstrato, o espaço genérico, que irá refletir aquilo que os espaços de entrada têm em comum e que pode ser juntado num espaço novo, integrado (*blendedspace*) (OLIVEIRA, 2014, p. 345).

A partir dessa concepção, alguns trabalhos já foram realizados e o *blending* tem sido objeto de estudos teóricos e práticos. Podemos citar, por exemplo, Mattos (2010), Mcleary e Viotti (2011), Rio-Torto (2014), Calazans (2018).

Mattos (2010) pesquisou as pluralizações verbais e pronominais anafóricas que ocorrem em contexto de sujeito coletivo singular. Segundo a pesquisadora, a gramática tradicional mostra construções em que os sujeitos de tipo coletivo usados no singular têm sido apontados como motivadores do número singular no verbo adjacente, a não ser que se trate da figura de “silepse de número”, também denominada *constructio ad sensum* (pelo sentido) ou “concordância ideológica”. Em seu estudo, ela afirma que, no latim, essa possibilidade de concordância é conhecida. Ademais, manuais como a Gramática do latim vulgar de Maurer Jr. (1959) relatam essa possibilidade de forma plural no verbo ligado a sujeito coletivo singular, tanto no latim clássico quanto no latim corrente.

Segundo ela, a Gramática Tradicional na construção “O povo já sabe o que quer. Não VÃO aceitar o voto comprado outra vez”, há um exemplo típico de sujeito oculto, e destaca especialmente o aspecto da distância linear entre o coletivo explícito (povo) da primeira oração e sua ratificação na desinência verbal apresentada adiante. Esses casos são concebidos como “sujeito distante” ou ainda “afastamento verbal” (ALMEIDA, 1999, p. 442; CUNHA e CINTRA, 1985, p. 614; ALI, 2001, p. 216). Nessa análise, a concepção de sujeito oculto é elaborada como um caso de referência, isto é, de anáfora zero de coletivo; a categorização é relativa ao tipo de sujeito e não relativa à distância linear. Nesta abordagem argumenta-se que a pluralização no verbo não deve ser compreendida como hipercorreção e que a pluralização na anáfora é uma estratégia para assegurar a referência ao coletivo.

Além disso, com base no princípio geral da morfossintaxe de língua portuguesa, deve-se fazer concordar a morfologia do verbo com a morfologia do sujeito ou do núcleo do sujeito a que se refere, então a pesquisadora infere que em casos de retomada anafórica pronominal do sujeito coletivo singular, a referência anafórica pronominal explícita

igualmente deve obedecer à regularidade de singular. Mcleary e Viotti (2011) investigam a interação entre elementos linguísticos e gestuais em línguas assinadas, desde a formação de seu léxico até a organização do discurso. Utilizando recursos teóricos e metodológicos de estudos de gestos e linguística cognitiva, particularmente a teoria da integração conceitual (mistura), o artigo analisa uma narrativa contada na língua brasileira de sinais por um adulto surdo.

Rio-torto (2014), por sua vez, analisa os padrões de *blending* em português, tendo por base dados empíricos do Português do Brasil, de Moçambique e de Portugal. A pesquisadora estabelece um paralelismo com o processo de composição, e verifica quer as semelhanças, nomeadamente quanto à natureza das unidades-fonte e ao caráter não concatenativo da fusão, quer as muitas similitudes quanto aos padrões de organização interna das unidades lexicais e às classes de relações categoriais entre as unidades em jogo. Contudo, este estudo de Rio-torto está inteiramente pautado nos aspectos morfológicos (lexicográficos) e não contempla o viés semântico.

Calazans (2018) investigou a marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato do Guarani do Espírito Santo, contudo a análise tomou por base os pressupostos gerais da sociolinguística variacionista e do contato linguístico, para buscar resultados sobre a variabilidade da concordância em trabalhos sobre o português de falantes indígenas.

Os estudos acima mencionados, a nosso ver, não contemplam completamente a problematização aqui trazida. São importantes dentro de suas respectivas linhas teóricas, mas suas bases não estão alicerçadas no funcionamento e nas operações da linguagem. Nosso trabalho é desencadeado pela lacuna existente nos estudos realizados acerca do *blending* em uma perspectiva semântico-enunciativa que leva em consideração a articulação entre a linguagem e as línguas naturais tendo como foco o plural no português. Enxergamos que ocorrências como o *blending* são riquezas da linguagem, de modo que a TOPE teoriza exatamente esta reflexão sobre a linguagem.

Parte do problema se dá porque a semântica ainda está muito vinculada ao léxico e para transpor essa discussão para TOPE exige-se uma desconstrução de base porque é preciso considerar o contexto enunciativo e falsear a identificação do significado com o conceito em si. Rezende (2000, p. 6-7) diz que

o trabalho metalinguístico, quer dizer, a tarefa do linguista, enquanto estudioso da atividade da linguagem, é controlar formalmente, conscientemente, essa atividade

epilinguística dos falantes e de si próprio, enquanto falante. Essas atividades metalinguística ou epilinguística, permeando o observável, nos permite recuperar um contexto linguístico imediato e nos oferecem pistas para que elaborem modelos que simulem o processo de produção e reconhecimento de textos. Estes modelos de simulação devem se aproximar gradativamente do que realmente acontece quando produzimos e reconhecemos textos em uma língua natural.

Segundo Cumpri (2012, p. 36), Culioli quer mostrar que a separação entre sintaxe e semântica é menos frutífera do que mostrar que existem enunciados com boa formação semântica e má formação sintática. Isso só evidencia que a dificuldade central não está na formalização em linguística e nem na formalização de sistemas algébricos sintáticos, tão pouco no estudo distribucional de combinações de palavras-objetos em correspondência pontual com o extralinguístico, mas no domínio intermediário específico das línguas naturais.

Estamos trabalhando com a língua em sua dimensão dinâmica e não estática, por isso nossa proposta é mostrar o que ocorre nessa trajetória. Conforme afirma Culioli:

Enfatizamos que atividade de produção e de reconhecimento de enunciados se faz sempre entre os sujeitos colocados nas situações às vezes empíricas e ao mesmo tempo ligadas às representações imaginárias do estatuto de alguns sujeitos para remeter ao outro, para remeter a uma sociedade, para remeter ao texto, para remeter aquilo que se poderia chamar de “um discurso intertextual”, esta espécie de discurso ambiente com os valores que estão ligados às palavras. (2002, p. 92) [tradução nossa].

Pensamos ser esse excerto a porta de entrada para pensarmos uma investigação do *blending*.

3. Metodologia de pesquisa

A metodologia de pesquisa na perspectiva de Culioli não se caracteriza pela aplicação (associação a) de um modelo (caminho; trajetória pronta) sobre um conjunto de dados, mas pelos modos de acesso do linguista às operações da linguagem através das línguas naturais.

Para Zavágli (2016), Culioli sempre atentou à epistemologia, pois para ele as ferramentas de análises estão sempre submetidas ao crivo da razão, do rigor científico, pois é deste que decorrem os resultados da análise.

Nesta teoria, conforme afirma Costa (2013), adota-se como objeto de análise o enunciado. Como esclarece Franckel e Paillard ([1998] 2011, p.88), “o enunciado deve ser entendido como uma organização de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos,

que o constituem como tal, podem ser analisados, no quadro de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é marca”. Assim, se o enunciado é definido dessa maneira, podemos entender que um objeto de análise na TOPE é um agenciamento de formas gramaticais que são traços de operações. São fenômenos mentais que só conseguimos acessar por meios das marcas ou rastros das atividades de linguagem e com os quais damos conta de reconhecer e reconstruir operações abstratas. Por enunciado devemos compreender que “é sempre resultado de um diálogo, e está apoiado em situações de discursos anteriores e posteriores” (REZENDE, 2000, p. 5).

A visibilidade dos processos constitutivos do enunciado ficará na dependência da construção de um sistema de representação da atividade metalinguística, quer dizer, do que podem ser gerados a partir de uma invariante. Construiremos, como já dissemos, um esquema metalinguístico que explique a inconsistência do *Blending* na semântica geral e o que esse fenômeno conquista pelas operações de linguagem que Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990,1999a, 1999b) tem de base. Nesse sentido, abordaremos o fenômeno *blending* por uma análise que transcenda a concordância ideológica e se redimensione na organização e no funcionamento do domínio nocional das unidades linguísticas que embora estejam morfossintaticamente no singular, semanticamente remetem ao plural.

O *corpus* será constituído exclusivamente de enunciados escritos. Para tal, pretendemos utilizar tanto a base do Centro de Estudos Lexicográficos da FCLAr/Unesp. Buscaremos estabelecer as operações de linguagem subjacentes ao enunciado fonte, utilizando-nos dos pressupostos teóricos fornecidos por Culioli. Assim, recuperaremos seu esquema de léxis e observaremos de que forma as categorias gramaticais de aspecto, modalidade, determinação e diátese se anexavam a esse esquema. Feito isso, passaremos a comparar as operações encontradas no enunciado fonte com aquelas encontradas nos enunciados resultantes.

Lançaremos mão de paráfrases e glosas para tentarmos acessar as operações que sustentam o *blending*. E é o empírico que vai nos levar a isto, ao contexto e à situação. A glosa ou paráfrase é o produto da atividade de reformulação de diálogo, isso depende do valor do que se quer explicitar, no caso de glosa; ou no caso de paráfrase, uma unidade linguística do enunciado. A paráfrase nesta teoria é uma atividade metalinguística que apreende o sentido na medida em que o faz se movimentar.

Segundo Cumpri (2012), o sentido das palavras e dos textos não é externo à língua. Por isso, reduzir o conteúdo ao que é efetivamente dito é um engano que deve ser evitado por não haver garantia de que o dito recubra o querer dizer. Assim, “a análise da significação de um enunciado é indissociável da análise das condições que permitem a construção dessas significações” (FRANCKEL, 2011, p. 46). Nesta perspectiva, descobriremos no enunciado o problema das relações intersubjetivas e o problema fundamental da dissimetria entre produção e reconhecimento linguístico.

Os mecanismos enunciativos que fundamentam os objetos de análise da TOPE, as línguas naturais, não são externos a elas. Logo, todo agenciamento dessa reflexão teórica é sempre de ordem enunciativa e os sujeitos enunciadorees não constituem uma instância pré-construída exterior aos processos constitutivos do enunciado, ao contrário, eles são os próprios frutos desses processos operacionais por realizarem um papel bem variável de um enunciado a outro se inscrevendo dentro de um todo complexo que foge à simples dicotomia emissor/receptor para, assim, assumirem funções híbridas, pois o sujeito ora será um emissor para si, ora para o outro (o diferente dele) ora um receptor do outro, ora de si próprio.

Acreditando que os fenômenos analisados devem ser tratados numa relação (contexto) e que as análises devem partir de manipulações habituais relacionáveis (a negação, a interrogação, a asserção, a repetição etc), construiremos uma observação contextualizada ancorada por manipulações (paráfrases) que nos levarão a compreender tais fenômenos e, assim, entender o fenômeno linguístico denominado *blending* pela dinâmica posta por duas articulações basais para a enunciação: língua e linguagem e léxico e gramática.

3. Considerações finais

Culioli (1990) defende que a atividade de linguagem se manifesta na diversidade das línguas, o que torna necessária a exposição do que ele compreende por linguagem e língua. Para ele, a atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e reconhecimento de formas e essas formas não podem ser estudadas independentemente das línguas. A linguagem é uma atividade inata que se manifesta por diversas práticas: verbal, oral, escrita, gestual, visual, entre outras.

Acreditando que um enunciado exhibe na superfície os traços de um agenciamento bem mais simples do que aquele que corresponde às operações que o produziram e que uma

pesquisa linguística focada nessas premissas e no notório trabalho dos sujeitos sobre a linguagem na produção o reconhecimento dos enunciados se faz fundamental. Daremos espaço a um estudo que busque cada vez mais a inserção do sujeito dentro do âmbito linguístico. Com isso, pretendemos levar em conta a participação e a influência dos sujeitos enunciadores dentro do próprio fenômeno observado. Os resultados da nossa pesquisa irão contribuir, como mencionamos e esperamos, para a elaboração de uma gramática cunhada em uma perspectiva construtivista e dinâmica da linguagem, que é a culioliana.

Conforme preconiza Cumpri (2012), para a teoria da linguística enunciativa o que importa é a reflexão que a linguagem traz. Nosso interesse é pelo diálogo que existe entre a situação discursiva específica (instável) e a relação predicativa ou lógica (estável). Esta teoria nos apresenta um conceito de que o texto que é revelador para se pensar o *blending*: uma sequência de representações que resultam de um conjunto de operações realizadas por um sujeito enunciador que, em situação de enunciação, busca construir um sentido.

Referências Bibliográficas

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CALAZANS, Poliana Claudiano. **A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos Guarani do Espírito Santo**. Tese de Doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, J.R. da. **Unidade Linguística e valor referencial**: uma discussão sobre referenciação e unidade linguística em uma teoria da enunciação. Literaonline, nº 6. Maranhão: 2013

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation** - Opérations et représentations. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999. v. 2.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3. v. 3.

_____. **Variations sur la linguistique**. Entretiens avec Frédéric Fau préfaces et notes de Michel Viel. Paris: Klincksieck, 2002.

CUMPRI, M. L. **A contribuição da teoria das operações predicativas e enunciativas para o estudo da produção textual**. *Diálogo das Letras, Pau dos Ferros*, v. 01, n. 01, p. 8-25, jan./jun. 2012.

_____. **Contribuições ao estudo da ambiguidade da linguagem: uma proposta linguístico-educacional**. Tese de Doutorado. Unesp, Araraquara, 2012.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Aspects de la théorie d'Antoine Culioli**. *Langages*, v. 129, p. 52-63, 1998.

FUCHS, C. **O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências**. (Trad. L. Rezende). *Cadernos de Estudos Linguísticos, UNICAMP*, 7, p.77-85, 1984. Original francês.

GOURNAY, Lucie. **TOPE e o recurso ao corpus: o exemplo da abordagem contrastiva**. *Linguagem*, São Carlos, v. 27: 2016.

LIMA, M. A. F. O ensino de gramática em uma perspectiva enunciativa. In: LIMA, M.A. F.; COSTA, C. de S.S.M. da; FILHO, F. A. **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 231-253.

MATTOS, Shirley Eliany R. **Pluralização com o sujeito de tipo coletivo singular**. *Revista Linguística*. Vol. 6 - n 1, junho/2010.

MCCLEARY, L.E; VIOTTI, E. **Língua e gesto em línguas sinalizadas**. *Revista de estudos Linguísticos Veredas*. Juiz de Fora, 2011, v.15, n 1, p.289-304.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. **The Origin of Ideas: Blending, creativity, and the human spark**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 345-356, 2º sem. 2014.

REZENDE, L. M. **A indeterminação da linguagem: léxico e gramática**. *Alfa*, v. 44, p. 349-362. São Paulo – 2000.

_____. **Causality, differential property and the construction of notional domains**. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.2, p. 21-39, 2003.

RIO-TORTO, G. **Blending cruzamento ou fusão lexical em Português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição**. *Filologia e Linguística Portuguesa*. V. 16, p. 07-29, 2014.

VOGÜE, Sarah de; FRANCKELL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

VOGÜE, S. de. **Culioli após Benveniste**: enunciação linguagem, integração. In: VOGUE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVÁGLIA, A. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. 2ed, São Paulo: Humanitas, 2016.